

O PAPEL DOS JORNALISTAS NOS PROCESSOS INTERACIONAIS DO *PARTICIPATORY JOURNALISM*¹

Jorge Rocha

Resumo:

A emergência da produção, organização, publicação e acesso à informações na Internet cada vez mais reforça seu caráter de sistema colaborativo interacional. Este artigo, realizado como parte inicial do projeto de pesquisa "Participatory Journalism: práticas e papéis dos jornalistas na Internet", pretende evidenciar de que modo se reconfigura o papel do webjornalista em uma prática profissional que privilegia a interlocução, levando em conta as especificidades desta mídia interacional. A análise inicial desta pesquisa baseia-se na necessidade de maior detalhamento acerca da (re)configuração do espaço público e de especificidades da atuação jornalística em hiperdocumentos que operam em um modelo de sistemas interacionais.

Palavras-chave: webjornalismo, participatory journalism, práticas narrativas, espaço público.

Professor de Jornalismo Digital II e coordenador do Laboratório de Jornalismo Digital na Universidade FUMEC. Mestre em Cognição e Linguagem pela Uenf (Universidade Estadual do Norte Fluminense). hipermidia@fch.fumec.br

A ATUAÇÃO DOS WEBJORNALISTAS EM CARÁTER DE INTERLOCUÇÃO

Lidar com os processos comunicacionais da mídia digital deve pressupor a exata compreensão de que este é um meio de comunicação interacional e não-massivo, conforme defendem El Hajji (2001) e Santaella (2002). Para estes autores, esta mídia, por não se encontrar estritamente submetida aos processos de comunicação de massa, requer um entendimento diferenciado acerca da natureza do hipertexto e dos fenômenos de interação comunicacional. Desse modo, a pesquisa “*Participatory Journalism: práticas e papéis dos jornalistas na Internet*”² orienta-se a partir de uma perspectiva comunicacional que privilegia a interação, característica essencial desta prática jornalística, buscando uma compreensão multidisciplinar da utilização das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs). Este artigo contempla a parte inicial da pesquisa, onde buscamos evidenciar o papel do webjornalista como “cartógrafo de informação” e elemento de ligação entre comunidades virtuais informacionais, atuando em um processo de co-enunciação, de acordo com estas especificidades. Sob esta lógica, pretendemos ainda avaliar de que modo estes processos comunicacionais hipermediáticos reconfiguram a noção de espaço público, baseando-nos em autores como Wolton (2004) e Vaz (2004).

Em um trabalho anterior, apontamos algumas características que podem ser observadas na conduta do webjornalista, sob o prisma do *Participatory Journalism*³. Especificamos inicialmente que o webjornalista deve atuar como um agente participativo, sendo capaz de “selecionar, hierarquizar, enquadrar e personalizar notícias, levando em conta as potencialidades inerentes à Internet como fonte de pesquisa e escoamento de produção” (Rocha, 2005). Neste mesmo trabalho, também evidenciamos que as estratégias de interlocução entre produtores e consumidores⁴ de informação são fatores a serem observados mais atentamente no que diz respeito à atuação jornalística nesta lógica operacional.

Partindo deste ponto e de modo a avançarmos em nossos pressupostos teóricos acerca do *Participatory Journalism*, nessa pesquisa, utilizamos a abordagem sistêmico-relacional de interação para traçar um possível perfil da atuação webjornalística. Esta abordagem, defendida por Primo (2004), especifica que o processo comunicacional da mídia digital deve ser compreendido não apenas como um conjunto de proposições individuais, “mas deve valorizar os processos que integram as ações dos comunicadores”.

Levando-se em conta esta proposição e o fato de que “qualquer pessoa” pode acessar e publicar informações na Internet, buscamos analisar a idéia de que o conceito clássico de *gatekeeper* parece não fazer sentido na mídia digital, uma vez que o papel do jornalista como filtro ou mediador é questionado e redimensionado. Tal hipótese aponta ainda que o webjornalista, em um processo de mediação específica para esta mídia, deve levar em conta a constituição do hiperdocumento no qual essa interação comunicacional é realizada. Assim, podemos verificar a diferenciação da atuação webjornalística em versões online de publicações *offline* (jornais impressos, mais especificamente) e hiperdocumentos informativos que não possuem similares fora do ciberespaço (como webjornais ou *blogs*), no que diz respeito à interlocução com agentes ou comunidades virtuais informacionais.

[...]se atentarmos mais uma vez para os investimentos capitalistas no ciberespaço, perceberemos que a rede admite e requer formas próprias de mediação. Algumas centralizam, fragmentam e reduzem a multiplicidade da rede; outras podem preservar, com maior ou menor sucesso, formas horizontais de sociabilidade, o achado de maravilhas e formas inéditas de expressão e experiências individuais (VAZ, 2004).

Em relação às versões *online* de publicações *offline*, observamos que estas geralmente se encontram em um meio caminho entre as etapas transpositiva e perceptiva, ainda sem explorar a contento a potencialidade do hipertexto. Resguardado sob a idéia de manter o usuário centrado naquela publicação específica ao buscar determinada informação, o uso de hiperlinks não o conduz “para fora”. Desse modo, esta estratégia de publicação não costuma oferecer a quem acessa este hiperdocumento a possibilidade de traçar seu próprio caminho entre a gama de informações oferecidas na Internet.

Podemos caracterizar esta estratégia como um processo de interação reativa, conforme define Primo (2004), que “pode repetir-se infinitamente numa mesma troca: sempre os mesmos *outputs* para os mesmos *inputs*”⁵. Nesse aspecto, o trabalho do webjornalista não é orientado para oferecer possibilidades de acesso a outros conteúdos, tampouco abre maiores brechas para uma conversação com a audiência, que não seja a “mera” utilização do *email*. Portanto, não há diálogo com a audiência, tampouco condução para o uso do hiperlink como elemento potencial de produção de conhecimento.

Estratégia semelhante pode ser também verificada em portais, que constituem hiperdocumentos cuja estrutura de publicação não possui similar *offline*. Saad (2003), citando o relatório *Strategy Compass for Successful Internet Publishing*, elaborado a partir do seminário Seybold Conference, em 1999, define que portais

permitem que usuários encontrem as informações que necessitam de forma rápida e estabelecem o conceito de identidade coletiva para a atividade on-line. Com isso, os usuários navegam pela internet por meio do mesmo ponto de entrada e da mesma fonte, e não precisam procurar o que necessitam com grande esforço e muitas vezes sem sucesso (SAAD, 2003).

Tal conceituação evidencia que uma publicação pensada pontualmente para a Internet – como um portal – não é, automaticamente, voltada para a interação mútua, o que reforça situá-la como perceptiva reativa. Nesse caso, é preciso que se faça uma ordenação entre hiperdocumentos de naturezas distintas em relação aos processos de interação mútua e reativa, de modo a sistematizar a função webjornalística possível em cada um desses modelos. Para analisar estas possibilidades, tendo em vista a dinâmica de um sistema interacional, podemos comparar a estrutura de funcionamento de um portal de comunicação com uma publicação webjornalística.

Um modelo usual de portal pressupõe a obediência a fatores como agregação, auto-imagem, processo de produção intermédias, valor adicionado e parcerias com provedores de serviços. Tais configurações visam que o portal produza cada vez menos notícias por conta própria, deixando tal encargo por conta das publicações linkadas e ali abrigadas. Desse modo, busca-se atingir o que Saad (2003) chama de metarrede, ou seja, um processo que “transforma a empresa informativa numa gestora de conexões entre conteúdos, serviços e tecnologias para uma diversidade de focos agregados por sua marca”. Podemos então classificar que a função jornalística de organizar informação em um portal consiste essencialmente em apontar caminhos informativos centrados nesta publicação, ao mesmo tempo em que não conta com nenhum mecanismo que possibilite canais de interlocução direta com os usuários.

Ao analisarmos publicações que trabalham com conceitos de interlocução do *Participatory Journalism* – como OhMyNews, Slashdot, Indymedia, entre outras que lidam com o conceito de “cidadão repórter” – e que operam em uma lógica interacional e sistêmica, começa-

mos a evidenciar seu caráter de interação mútua desde o momento em que o uso de hiperlinks aponta para outras publicações. Tal opção permite ao usuário uma potencial complementação de informação, fazendo com que o webjornalista inserido neste processo e tendo determinado *site* como ponto de partida, arquitete uma forma de evitar ou minimizar dispersão ou sobrecarga cognitiva do usuário. Não se trata de recorrer à interação reativa, diminuindo assim as possibilidades de acesso à informação, mas sim contribuir para a organização do encadeamento dos atos comunicativos (Primo, 2004). Chamamos esse processo de ordenação hipertextual de “cartografia de informação”, que deve levar em conta alguns pontos da natureza do hipertexto, como topografia, multitemiose, fragmentaridade e iteratividade.

Diz-se que a informação não existe em si; ela é ligada a um conjunto de conhecimentos, a uma construção. As ligações hipertextuais não estabelecem somente relações entre as idéias e os conhecimentos, elas estabelecem, com seus a priori e com a rigidez real que as acompanham, uma geografia de conhecimento (WOLTON, 2004).

A cartografia da informação deve ainda possibilitar que o usuário se torne parte ativa e constituinte do processo informacional, seja demonstrando sua opinião em caixas de comentários ou publicando notícias em sistemas planejados para este fim, para nos atermos a dois exemplos básicos. Esse caráter da cartografia da informação deve orientar o webjornalista para que este se torne um elemento de ligação entre diversos agentes ou comunidades virtuais informacionais em um sistema colaborativo. Juntos, estes dois fatores elencados podem configurar o papel de mediação webjornalística como um processo de organização de significados em uma rede inter-relacional comunicativa.

O conhecimento concebido como relação ou produto da relação deve ser pensado como atividade e não como faculdade. Não é um reservatório estático sem transformação, movimento ou ressignificação. Não configura um objeto que se possua ou não. Não pode ser compreendido como matéria, substância. É, antes, ação, exercício, atividade, movimento, redes, relações, conexões (PRIMO, 2004).

Tais características observadas com as especificidades das NTICs acarretam ainda transformações não só no sistema de produção, mas também nas relações sociais. Conforme aponta El Hajji (2001), há cada vez mais “uma interação entre as pessoas e a informação; ou me-

lhor, uma proliferação de signos cada vez mais independentes agindo sobre o mundo e as pessoas”. Tal argumento mostra que o pensamento webjornalístico, compreendendo sua função ligada à cartografia de informação e os modos de interação entre prosumidores, necessita ainda contemplar questões referentes às novas configurações do espaço público observadas com o advento das NTICs para um desempenho adequado de sua função.

A especificidade dessas tecnologias, por sua vez, consiste no deslocamento das instâncias de mediação política, econômica e social da dimensão espacial para a temporal, e a instituição do princípio de instantaneidade e de imediatez como base de regulação de nossa experiência significativa (EL HAJJI, 2001).

É esta inter-relação que apontamos como essencial na prática do *Participatory Journalism* e que pode contribuir para esclarecer o processo de mediação diferenciada na Internet. Trabalhamos então com o conceito de Wolton (2004) a respeito de espaço público – que dialoga, de certo modo, com as proposições habermasianas. Consideramos este espaço como o elemento simbólico “no qual se opõem e se respondem os discursos, na sua maioria contraditórios, dos agentes políticos, sociais, religiosos, culturais e intelectuais que constituem uma sociedade” (WOLTON, 2004).

Com as tecnologias de comunicação interacionais, tal espaço público fervilha com o fluxo contínuo de informação gerado e consumido cotidianamente, graças ao aumento do número de agentes participativos. Potencialmente, todos produzem e consomem informação neste espaço público midiaticizado, como já se tornou senso comum afirmar. Tal fato apresenta duas questões conceituais acerca da mediação: a primeira refere-se a uma sociedade sem “intermediários”, aspecto levantado pelo determinismo tecnológico, e o segundo remete ao valor das comunidades restritas⁶ e o processo de igualdade de opinião.

No primeiro caso, o único ponto de intermediação possível seria a construção do saber, sobrepondo assim o aspecto de mediação ao de mediação. Desse modo, concentra-se a importância na informação gerada em profusão, deixando em segundo plano os métodos de encadeamento comunicativo. Tanto Wolton quanto Vaz discordam desta consideração. O primeiro entende que tal questão configura agentes que ficam livres dos intermediários, mas que não encontram modos de gerenciar informações específicas entre este fluxo contínuo. Para Wolton (2004), “quanto mais há informação e comunicação, trans-

parência e imediatez, mais se devem reintroduzir mediações, filtros cognitivos”. Vaz (2004) reforça esta idéia, considerando que o determinismo tecnológico “não investiga o nexos histórico entre ordenação social, forma tecnológica e tipo de mediação. Se o fizesse, seria obrigado a pensar que a internet coloca em crise um tipo de mediador, mas que necessariamente abre a possibilidade de outros”.

A segunda proposição remete a uma possível busca consensual de opinião, o que sistematizaria e resumiria diversos aspectos da vida social a meras discussões. Sob este aspecto, a interação observada no espaço público serviria para reconhecer as diferenças de valores e referências dos agentes ou comunidades virtuais informacionais e tentar encampá-las sobre um determinado ponto de vista. Se levarmos em conta tal proposição, o papel do webjornalista como elemento de ligação entre os diversos agentes participativos de um ambiente de mídia digital iria de encontro à própria potencialidade da natureza rizomática da Internet e aos processos de interação mútua. O webjornalista, conforme buscamos definir sua função neste artigo, deve reconhecer tanto os pontos divergentes quanto os convergentes dos demais prosumidores no processo de interlocução, evidenciando mais uma atuação relacional do que consensual.

As estratégias cognitivas relativas ao sistema *bottom-up news*⁷ e os princípios jornalísticos do *Participatory Journalism*, observados em publicações como OhMyNews, nos parecem exemplos eficazes para contra-argumentar esta mediação pelo consenso. O modelo informacional adotado, tendo como base o conceito de “cidadão repórter”, mostra que tais operações interacionais contemplam elementos de competência discursiva relativos à dessemelhança (discurso polêmico) ou similitude (discurso cúmplice) entre os agentes prosumidores⁸. Não se trata de, conforme acredita Wolton (2004), “recriar as distâncias” no âmbito do espaço público reconfigurado, mas sim compreendê-las de um ponto de vista cognitivo e de interação mútua, estabelecendo mediação baseada em filtros cognitivos relacionais.

Na realidade, ele [o webjornalista] tece uma rede, pois sua função é a recolher informações em todo lugar, selecioná-las segundo o critério do que concerne a todos e distribuir as selecionadas para todo local. Deste modo, por sua atividade, o jornalista cria o cidadão e o interesse público. Cada indivíduo continua a carregar determinações de local e classe; contudo, cada um torna-se simultaneamente cidadão, pertencendo a uma comunidade mais ampla gerada pela informação compartilhada (VAZ, 2004).

A conceituação deste processo, segundo Ferreira (2002), está estritamente ligada à construção do saber. Este, por sua vez, pode ser realizado através do *habitus*. O *habitus* se caracteriza como um conjunto de esquemas de ação, produção, interpretação e apreciação do mundo. Portanto, constitui-se como uma forma de saber social, que pode ter sua estrutura modificada pela resultante dos processos ideológicos discursivos.

Se é verdade que o sujeito, individual e coletivo, é o construtor das estruturas, há por outro lado, para cada sujeito que ingressa na vida social, um conjunto de estruturas que herda, e frente às quais terá que se adaptar. (...) É este processo adaptativo do sujeito aos objetos sociais construídos e herdados que nos requisita um passo a mais em direção à discussão proposta pela análise do discurso e trocas lingüísticas (FERREIRA, 2002).

Se analisarmos a profissão jornalística, em seu conceito clássico de mediação, podemos considerar que sua função é “pegar o fio do tempo dia após dia, distinguir o importante do secundário, tentar explicá-lo a públicos invisíveis” (WOLTON, 2004). No entanto, esta categorização da audiência não mais se sustenta na Internet, considerando seu aspecto interacional. A interlocução webjornalística com outros prosumidores pressupõe certa identificação, certo reconhecimento de suas identidades e de seus valores neste processo de diálogo. Tal configuração deve estabelecer a construção de um saber que não se resume a sistematizar conteúdo, mas sim correlacioná-lo de modo que não haja insuficiência de informações ou dispersão/sobrecarga cognitiva entre os prosumidores.

Entendemos que tal configuração, diretamente ligada ao papel do webjornalista em um sistema interacional não-massivo e ao redimensionamento do espaço público, merece uma exemplificação mais detalhada. Assim, podemos aplicar a esta análise alguns conceitos do que Outing (2006) chama de “os 11 passos do Jornalismo Cidadão” (no original, “*The 11 layers of Citizen Journalism*”)⁹, apontando níveis de participação neste processo.

Podemos começar com a idéia de incluir a participação de cidadãos repórteres em determinadas matérias. Outing frisa que não se trata de “apenas” habilitar sistemas de comentários para que a audiência possa comentar determinado texto, mas sim solicitar ao público relatos de experiências sobre determinado assunto e agregá-los à história principal. Tal aplicação pode ser ainda uma possível saída

pela tangente em relação à *agenda setting*, uma vez que as informações agregadas a este modelo podem continuar a ser adicionadas e ainda relevantes, mesmo depois do fato principal ter perdido fôlego nas publicações *offline*.

Uma espécie de *upgrade* desse modelo é identificado por Outing como *open-source reporting*. Trata-se, conforme ele especifica, de uma colaboração entre um jornalista profissional e seus leitores, onde estes últimos possuem conhecimento ou informações sobre determinada pauta. Estes leitores são convidados a colaborar para o desenvolvimento do texto webjornalístico, seja enviando perguntas-guia para o repórter ou mesmo realizando uma entrevista que será incluída no produto jornalístico final. Este é um modelo estratégico básico da configuração jornalística do *Participatory Journalism*, facilmente observado em publicações que lidam com o conceito de cidadão repórter.

Esta prática pode ser ainda implementada quando um jornalista anuncia, na página inicial do *site*, que vai realizar uma entrevista – com um candidato a um cargo político, que saiu vitorioso da convenção de seu partido, por exemplo – e solicita que os leitores enviem perguntas, selecionando as mais representativas. Após a entrevista, caso o webjornalista avalie que o material que tem em mãos poderá ser melhor apresentado na forma de artigo ou matéria, pode mostrar um esboço para os participantes selecionados. Suas observações e ponderações em conjunto é que irão determinar o melhor encaminhamento para a forma final do texto jornalístico que, devidamente formatado, será publicado.

Outing chama atenção ainda para um modelo de publicação que ele denomina *stand alone citizen journalism* – que pode possuir duas versões: editada e não-editada. A estratégia consiste em fazer com que o *site* seja inteiramente – ou quase – alimentado com contribuições dos leitores. A intenção é permitir que os agentes participantes tenham suas próprias páginas de informação – agregadas ao *site* principal –, mantendo o foco na produção de notícias localizadas – em seu estado ou país, por exemplo. Costumeiramente, permite-se a publicação de áudio, vídeo e fotos. As informações mais relevantes e/ou os participantes mais afeitos a colaborar ganham destaque na página inicial do *site*. Tal modelo colaborativo pode ser exemplificado com o site NewsVine¹⁰, onde a audiência escolhe – por votação – os “tópicos de discussão” que receberão destaque. Uma das vantagens deste tipo de publicação colaborativa em relação à mídia *offline* diz respeito à possibilidade de publicação de temas que podem não ser considerados relevantes em outros meios. Novamente, tal prática aponta possibilidades de “escapar” da *agenda setting*.

A configuração adotada pelo OhMyNews também merece destaque como uma das experiências mais representativas em relação a um trabalho conjunto entre profissionais de Jornalismo e cidadãos repórteres. Cerca de 70% dos textos publicados são elaborados pelos leitores; cabe frisar que nem todas as colaborações vão ao ar. O informativo possui um conselho editorial que seleciona os textos mais representativos, de acordo com a linha editorial estabelecida. Os jornalistas profissionais que alimentam o *site* trabalham em um modelo colaborativo já citado acima, configurando assim uma produção híbrida.

Verificar de que modo a mediação webjornalística em uma estrutura de co-enunciação se aplica, de acordo com modelos e configurações interacionais próprias do *Participatory Journalism*, abre a etapa seguinte deste projeto de pesquisa. Para esta etapa, que se inicia no momento em que este artigo é finalizado, tencionamos avaliar modos de interação prática entre prosumidores em sites específicos, determinando o caráter representativo da atuação do profissional de Jornalismo. Nosso objetivo, nesta segunda fase, é estabelecer condutas que assegurem e reforcem o caráter interacional mútuo da apuração e produção de notícias, tendo em vista os processos relativos à configuração da cartografia da informação. Cabe ressaltar ainda que tais considerações serão utilizadas para nortear a elaboração do *site*-referência sobre *Participatory Journalism*, que visa promover um estudo contínuo sobre esta modalidade jornalística.

NOTAS

- ¹ Trabalho apresentado ao NP 08 - Tecnologias da Informação e da Comunicação, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.
- ² Financiada pelo Propic, a pesquisa teve início em fevereiro de 2006 e o prazo de conclusão está previsto para março de 2007. Além de abordar as questões apontadas, prevê também a elaboração de um site-referência sobre *Participatory Journalism*. A pesquisa conta ainda com o apoio de Pedro Henrique Penido e Fernanda Abras.
- ³ Para maiores detalhes, ver Rocha (2005), "*Participatory Journalism*: conceitos e práticas informacionais na Internet".
- ⁴ Para o processo de interlocução realizado na Internet, adotamos ainda o termo *prosumidores*, reforçando o amálgama entre produtores e consumidores de informação.
- ⁵ Em relação à abordagem sistêmico-relacional, há uma diferenciação entre interação mútua e reativa. De acordo com Primo (2004), a primeira "se desenvolve em virtude da negociação relacional durante o processo" e a segunda "depende da previsibilidade e da automatização nas trocas".
- ⁶ Segundo Wolton (2004), comunidades restritas são aquelas que possuem valor identitário mais antigo que a história dos processos democráticos e cujas referências não possuem ligações diretas com o modelo dominante de espaço público. Assim, estas comunidades podem evitar que toda e qualquer questão política, social e cultural sejam "reduzidas" a problemas de opinião.
- ⁷ Tal estratégia evidencia que os processos cognitivos são a soma de atividades aleatórias de

seus elementos constituintes, reforçando conceitos das teorias da complexidade.

⁸ Para maiores detalhes, ver Rocha (2005), “*Participatory Journalism: conceitos e práticas informacionais na Internet*”.

⁹ *Citizen Journalism* é uma das formas pelas quais também é denominado o *Participatory Journalism*. Tal prática jornalística também é conhecida como *Open-Source Journalism* e *Grass Reporting*.

¹⁰ <http://www.newsvine.com>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- EL HAJJI, Mohammed. *Da Semiose Hegemônica Ocidental - Globalização e Convergência*. Rio de Janeiro: Eco-Rizoma, 2001
- FERREIRA, Jairo. *Interfaces teóricas sobre a construção social do saber*. <http://www.intercom.org.br/papers/xxiv-ci/np11/NP11FERREIRA.pdf>. Consultado em 09/12/2002.
- MATTELART, Armand e MATTELART, Michèle. *Pensar as mídias*. São Paulo: Loyola, 2004.
- PRIMO, Alex. “*Enfoques e desfoques no estudo da interação mediada por computador*” in BRASIL, André et alli (Orgs.). *Cultura em fluxo – novas mediações em rede*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2004.
- OUTING, Steve. *The 11 Layers of Citizen Journalism - a resource guide to help you figure out how to put this industry trend to work for you and your newsroom*. http://www.poynter.org/content/content_view.asp?id=83126. Consultado em 15/04/2006.
- ROCHA, Jorge. *Participatory Journalism: conceitos e práticas informacionais na Internet*. Artigo apresentado no XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), Rio de Janeiro, Setembro 2005. Disponível em CD-Rom.
- SAAD, Beth. *Estratégias para a mídia digital – Internet, informação e comunicação*. São Paulo: Senac, 2003.
- SANTAELLA, Lúcia. “*A crítica das mídias na entrada do século 21*” in PRADO, José Luiz Airdar (org.). *Crítica das práticas midiáticas – da sociedade de massa às ciberculturas*. São Paulo: Hacker, 2002.
- VAZ, Paulo. “*Mediação e tecnologia*” in MARTINS, Francisco Menezes e SILVA, Juremir Machado da (Orgs.). *A genealogia do virtual – comunicação, cultura e tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2004.
- WOLTON, Dominique. *Pensar a comunicação*. Brasília: Editora UnB, 2004.
- _____. “*Pensar a internet*” in MARTINS, Francisco Menezes e SILVA, Juremir Machado da (Orgs.). *A genealogia do virtual – comunicação, cultura e tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2004.